

## **MAIS PESADO QUE O AR, MAS VOA.**

### **Guto Lacaz: homenagem à inventividade**

Questionado em uma entrevista sobre os artistas que o inspiravam, Guto Lacaz (São Paulo, 1948) não hesitou em responder *Alberto Santos-Dumont*. Para ele, os títulos de herói nacional ou pai da aviação são insuficientes para descrever as múltiplas frentes em que atuou Dumont. Criou 22 projetos aeronáuticos, cada qual construído artesanalmente, o que os caracterizava como formas únicas. Além disso, desenhou suas próprias roupas, sua casa, e o relógio de pulso: “era um esteta”. Em defesa do aviador como pioneiro do design de produto no país, Lacaz já realizou duas mostras de intensa pesquisa sobre o tema, sendo a mais conhecida *Santos=Dumont Designer*, no Museu da Casa Brasileira (2006), em comemoração ao centenário do voo do 14-bis.

Se as invenções de Dumont podem ser alçadas ao estatuto de arte é uma outra discussão, mas certamente o rótulo de inventor, antes de artista, parece servir a Guto, mesmo que em desvio de regra, como o oposto daquele que visa um novo produto de mercado. Pelo contrário, o interesse do artista está no não-funcional, e é justamente na exploração do *inútil* que insurge o aspecto lúdico de sua obra. Maquinários, equipamentos e colagens que, inteligíveis em um primeiro plano, se instauram enquanto arte no acontecimento sem fim e justificativa – suas apropriações se diferem, portanto, do *ready-made*, posto que seus deslocamentos não buscam questionar o status quo, mas quebrar o conhecido, recortá-lo, colá-lo até que se transforme em algo *novo*. Aqui prevalece o espírito do inventor – se dispõe à experimentação, a conhecer as ferramentas, a construir e reconstruir com engenhosidade, a partir do existente, o desconhecido. E há de se ter coragem para crer em sua própria potência criativa.

Os que trabalharam com educação em museus sabem que isso não é pouco, mas revolucionário. Exceções à parte, questões parecem saltar antes mesmos que os olhos se abram: o que isso quer dizer?, o que *o artista* quis dizer com isso?. Somos estimulados a querer uma tradução e um discurso pronto em que se possa confiar e assimilar sem questionamento. É possível ler nessas invenções que rejeitam o utilitarismo, uma crítica à sociedade de consumo, que só conhece o produto em seu estado final, um corpo terceiro/terceirizado vazio de personalidade. Ao criar e

recriar objetos, o artista coloca em evidência o vibrante potencial de inventividade humana e nos faz lembrar da capacidade de olhar o mundo como território a ser descortinado com frescor, ludicidade e humor.

Em *Ludo Voo*, performance apresentada no Centro Maria Antonia em 2015, esse território é trazido ao público. Concebida a partir do convite do Coletivo Sem Título s.d., o trabalho é uma homenagem à aviação e ao “sonho ancestral do homem de voar”, nas palavras de Guto. Partindo dessa paixão antiga, o artista concebe um espetáculo com recursos de iluminação e som próprios de cenografias teatrais, formulando uma ação multimídia que se assemelha aos eventos performáticos dos artistas do grupo Fluxus, nos anos 1960. Como metáfora para sua condição de gênero indefinido, a performance tomou forma no espaço *entre* o palco – local privilegiado por Lacaz em outras performances – e o público.

Minuciosamente construída em sua sequência e com roteiro definido, a performance se dividiu em sete atos, todos realizados em parceria com o amigo de longa data, Javier Judas. Vestidos com ternos de cor cinza, que lhes fornece um ar de vendedores de produtos antigos, manuseiam e parecem demonstrar produtos de utilidade dificilmente identificável. Em cada uma das cenas, intituladas *Asa*, *Hélice*, *IFOS (Identified Flying Objects)*, *Bumerang*, *Aero líneas*, *Sementes aladas e Heli-Cubo*, objetos tão diversos quanto uma asa mecânica, um cabide, um cubo ou ventilador são trazidos para planar no espaço cênico.

Também aqui os objetos estão longe do fetiche que poderia estagná-los em formas únicas e auráticas, sendo utilizados e reorganizados por Guto como lhe convém; passam de um espetáculo a outro como quem tem autonomia para traçar o seu próprio caminho. No primeiro ato, a asa que coloca em suas costas para um voo imaginário no espaço cenográfico está inserida em uma das cenas do espetáculo *Máquinas*, concebida há quase 20 anos. Em todos os seus projetos vão se acrescentando e se retirando novos elementos e ações, e aqui podemos inserir até mesmo *Ludo Voo*, que em seus desdobramentos durante o ano conta hoje, segundo o artista, com 12 equipamentos e cenas. São obras cumulativas, que se transformam como uma colagem de cenas – a mesma premissa da trilha selecionada por Carlos Careqa, construída como sequência de fragmentos de músicas já existentes.

Ao ser questionado se as invenções maquínicas e científicas poderiam ser compreendidas enquanto arte, Guto responde que “qualquer ação do homem sobre a natureza é uma ação artística”, noção que remete ao pensamento do artista e ativista Joseph Beuys, que defendia a ideia de que “todo ser humano é um artista”. Essa filosofia de Beuys não significava que qualquer pessoa pudesse estar representada em galerias e museus, mas que todos nós, sem exceção, somos contemplados por capacidade criadora. E é nessa simples compreensão que se encontra *Ludo Voo*, ao nos demandar abertura lúdica para pensarmos voos possíveis a serem alçados no chão.

Luise Malmaceda ([lu.malmaceda@gmail.com](mailto:lu.malmaceda@gmail.com))

Artista visual formada pela UFRGS, é especialista em História da Arte (FAAP) e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estética e História da Arte da USP. Integra o GEACC (Grupo de Arte Conceitual e Conceitualismos no Museu) e atua como pesquisadora nas áreas de arte contemporânea, museus, coleções e videoarte. Foi editora de conteúdo da revista Harper's Bazaar Art e realiza curadorias independentes.